

A POSIÇÃO DE GUERRA

drama em um acto por
BRANQUINHO DA FONSECA

figurantes | o dono da casa (trinta anos)
o seu melhor amigo (vinte e cinco anos)
um anjo

actualidade numa capital da europa

(Sala de fumo. Decoração moderna. A' esquerda uma grande vidraça; ao fundo um fogão na parede; á direita uma porta. Mesas, maples, livros, revistas. O Dono da Casa e o seu Amigo estão a conversar desde há muito tempo. O primeiro veste um traço de andar por casa; o segundo um fato escuro de passeio. O Dono da Casa passeia, fumando, para cá e para lá...)

O AMIGO continuando, com um sorriso de ironia —... Supõe: dois íntimos amigos. E certo dia um descobre que o outro é um miserável vulgar (*seguiu-o com os olhos. Pequena pausa*). Mas a-pesar-de tudo continua a tratá-lo como até aí: a aparentar-lhe uma enorme amizade, uma confiança sem limites, enfim, uma harmonia... verdadeiramente... admirável. Eis a posição de guerra. Está á espera.

O DONO DA CASA — Esperar muito no mesmo sítio é insuportável... E então quando chove!...

O AMIGO — Mas o tempo muda. Quando digo esperar, digo girar quasi só em volta dum centro de gravidade... De resto há ocasiões em que não se sabe qual é o melhor caminho. Ou sabe-se mas elle está atravancado... Atrás das árvores estão ladrões a espreitar. E' preciso não lhes dar a perceber que já os vimos, mas convencê-los de que estamos áleria. Porque se elles saltam temos de romper fogo, e ou um ou outro... (*Pequeno silêncio*). De modo que toma uma posição de guerra e espera... Passam as nuvens, anoitece, até que volta o sol... Se não volta e elle perde a resistência, rompe a batalha, tiros, barulho... Essas scenas desagradáveis...

O DONO DA CASA — As ridiculas scenas da vida...

O AMIGO — Sim... E aqui tens: perdeu a posição de guerra... A posição de guerra é para evitar a guerra... Quem a perde vai á guerra. E se é vencido, fica i-re-me-di-á-vel-men-te vencido...

O DONO DA CASA — Vencido no primeiro combate; mas, meu querido amigo, uma guerra não se perde á primeira escaramuça...

O AMIGO — Há guerras que se perdem antes das escaramuças...

O DONO DA CASA — Pois há. Guerras na lua...

O AMIGO — E rasteiras...

O DONO DA CASA — Sim: que a lua também é na terra, ou antes a terra é na lua. E um morto ao cair pode quebrar um jarrão da China...

O AMIGO — Até pode quebrar a China...

O DONO DA CASA — Mas continuando... Estavas na posição de guerra...

O AMIGO emendando — Falava da posição de guerra...

O DONO DA CASA, sorrindo — Sim! Queria dizer isso... Mas então a posição de guerra vai dar num elogio da hipocrisia...

O AMIGO — Talvez. Mas uma hipocrisia sincera. Uma máscara que tem escrito á frente: máscara.

O DONO DA CASA — Ah! (*Pequeno silêncio*). Vou compreendendo... (*Pausa*). E' uma teoria... carnavalesca...

O AMIGO — De que és mestre...

O DONO DA CASA fumando e continuando a passear — Bravo! Pois a vida serve-me assim. A mentira é uma abundante fonte da vida...

O AMIGO — Mas d'água que se evapora muito e não mata a sede.

- O DONO DA CASA *pondo-lhe a mão no ombro em tom meio declamatório* — Meu jovem amigo: O sol evapora toda a água. E o sol nasce todos os dias! A própria terra mãe a bebe. Não mata a sede? As verdadeiras sedes voltam sempre. Podemos matá-las; voltam. Mas as que podem não voltar, as falsas sedes devemos matá-las? Não será melhor apenas enganá-las?

O AMIGO, *ridicularizando-o, em tom mais declamatório, e pondo-lhe também a mão no ombro* — Meu velho: enganar não é rodear e vir de novo parar diante da mesma porta? Ah! Se os vigias dormissem todos os castelos eram fáceis de escalar!!!

O DONO DA CASA, *dando dois passos, parando ao meio da sala e declamando de olhos em alvo* — Ah! a idade média!

O AMIGO, *sentando-se e mudando de tom*. — Pois a mentira será uma fonte de vida; mas a vida parece verdade.

O DONO DA CASA — A vida são verdades, que todas juntas são menos verdade... Uma verdade faz mentira outra verdade. Se elas pudessem viver separadas! longe!... Mas não. *(Pausa curta)*. E o melhor é duvidar de tudo...

O AMIGO, *como quem veio seguindo outro pensamento* — Tu também gostas de mentir?

O DONO DA CASA, *sorrindo* — Também. Uma mentira quando não se impõe por qualquer dos mil motivos sociais que a podem exigir, é um prazer da imaginação.

O AMIGO — Se eu um dia arrasasse todas as mentiras que tenho construído... era um cataclismo...

O DONO DA CASA — És assim um construtor?!

O AMIGO — Sou. Não imaginas. Todos os dias ergo torres, muralhas. *(Pequeno silêncio)*. Entre nós, que muralhas!...

O DONO DA CASA — ... da China... E desde que dinastia?

O AMIGO — Meu caro: quando as muralhas existem, é porque já existiam antes do Império. Porém crescem como as árvores e nós podemos regá-las, tratá-las, para ficarem maiores e mais fortes... Às vezes não damos pela sua existência senão tarde...

O DONO DA CASA *interrompendo-o subitamente* — Hoje estás admiravelmente subtil. *(Sentando-se junto do Amigo)*. Ia a dizer: misterioso. *(Silêncio muito curto)*. Ouve. Deixemo-nos de jogos de água... Por fim molhamo-nos. Franqueza: confessa: a tua inesperada saída daqui tem outro motivo.

O AMIGO, *com uma gargalhada falsa* — Porquê?!

O DONO DA CASA, *numa irritação incontida* — Porque esse motivo que me deste não é aceitável.

O AMIGO, *sarcástico* — Não?! *(Pequena pausa. Fitando-o e aproximando-se. Baixa a voz)*. Para que hei-de repetir-te...?!

O DONO DA CASA — O quê?...?

O AMIGO *num tom de piedade* — És um miserável. *(Agarra-lhe um braço)*. Ouve!

O DONO DA CASA, *irónicamente* — Estou a ouvir.

O AMIGO — Tenho sido... *(Fita a janela, que lhe está diante. O Dono da Casa, volta-se e olha também. Pela janela que se abriu sem ruído, entra uma*

claridade que vai crescendo... Até que um Anjo poisa sobre o peitoril da janela, com as asas todas abertas para cima. A fisionomia do anjo é a do Amigo. Silêncio. O Amigo ficou em pé onde estava. O Dono da Casa recuou contra a parede).

O AMIGO *para o anjo, mecânicamente* — Que deseja?

O ANJO — Sou o teu anjo.

O AMIGO — Que queres?

O ANJO — Venho guardar-te.

O AMIGO, *erguendo o braço diante dos olhos* — Deixa-me! Chego para mim!...

O ANJO — Está escrito que eu te guarde e proteja.

O AMIGO — Vendi a alma...

O ANJO — A tua alma é só de Deus!

(Calam-se... E o Anjo vai-se apagando como uma luz... A janela fecha-se. O Amigo cai num maple apertando a cabeça nos braços. Silêncio. De repente uma grande ventania bate nos vidros e passa. O Dono da Casa que vinha a aproximar-se do Amigo, estaca olhando a janela. O Amigo ergue a cabeça e olha também).

O DONO DA CASA — Foi vento.

O AMIGO *voltando-se de repente para ele, com raiva* — Foi o mundo que deu uma volta... Mas ainda aqui estou. Não queria estar mas estou.

Entendes? Estou! Queria-me ir embora sem nada disto. Deixar tudo na mesma. Queria que vocês dissessem: — «Coitado!» Mas um coitado que não é este que vão dizer agora — «Coitado!» É um poeta que desceu da luz... Bem. Mas seja o que for. Quem é poeta é porque também é deste mundo. Também sou deste mundo. Compreendo-vos. Até vos aceito. Minha madrastra é nova e meu pai um pobre velho. Tu tinhas muitas condições: eras íntimo, insinuante, etc., etc. E ela é uma rapariga que pensa em viver. Não foi uma conquista difícil. Tem mais isso de lamentável. Ajudando tudo isto havia a tua moral — infinita. Tudo isto está bem. Como está bem que eu esqueça tua irmã. Bem vês que já é difícil continuar...

O DONO DA CASA — Diz-me uma coisa. — Darias a um irmão o direito de afastar o noivo de sua irmã... doutra mulher?...

O AMIGO — Dou todos os direitos, porque também os quero todos!

O DONO DA CASA, *num tom mais sereno* — Há ainda o espírito de sacrifício.

O AMIGO — O espírito de sacrifício é uma força: não é uma fraqueza. E aqui o meu sacrifício era só fraqueza, esmagamento; — e era inútil. Não vos dava proveito, nem vos embaraçava os planos. A vossa harmonia deixava-vos passar sem ao menos repararem...

O DONO DA CASA, *com ironia* — Pobre vítima!

O AMIGO — Ainda não. Tanto como tu e como os outros. Mas com uma diferença: é que vocês têm dívidas para comigo.

O DONO DA CASA — Que dívidas? Não devo e pago.

O AMIGO — É noutra moeda. Outras...

O DONO DA CASA — ... que eu nego. Perdôa.

O AMIGO — Perdôe-te tudo.

O DONO DA CASA — Se perdoasses...

O AMIGO — Quê?

O DONO DA CASA — Perdoavas...

O AMIGO — Eu sei melhor se perdoo.

O DONO DA CASA — Talvez...

O AMIGO — Pedir-te dinheiro, nestas condições, não me humilhou.

O DONO DA CASA — És um simples.

O AMIGO — Antes o fosses. O teu dinheiro não me humilha porque não é para me salvar, nem para te combater. Crê.

O DONO DA CASA — É teu. É para o que tu quiseses.

O AMIGO — Não. Não é meu. E pode nem ser para o que eu agora o quero. Quem faz o que quer!?

O DONO DA CASA, *seca e desdenhosamente* — Eu.

O AMIGO — Tu!? Não. Quérias ter-me levado a estes discursos?

O DONO DA CASA — Não sei. (*Voltando-se para o Amigo com hipocrisia*). Mas que fiz para isso.

O AMIGO — Fizeste o necessário. Tens a feliz noção do bastante.

O DONO DA CASA — Obrigado.

O AMIGO — Eu, bem vês, não faço o que quero. Mas não tento disfarçar; encontrar justificações que me sosseguem.

O DONO DA CASA *com indiferença* — Creio que fazes mal.

O AMIGO — Também creio. A tal posição de guerra pode evitar-nos grandes tombos. Ou suavizá-los. Mas eu já estou convencido de que não consigo mantê-la mais do que durante um acto de cada peça. Depois, começo a improvisar, deito fogo aos cenários e mando os bombeiros embora... Aquele Anjo era um bombeiro. (*Curto silêncio*). Até que a casa me cai em cima.

O DONO DA CASA, *sorrindo* — Não cai. (*Indo bater nas paredes*). Magníficas paredes... (*Voltando-se dirige-se ao Amigo e diz-lhe com inércia, sacudindo-o pelos ombros*). E tu também não há-de cair! Ainda sou o teu melhor amigo. Tu ainda és inteligente e tens a vida toda deante!... (*O Amigo esboça o riso próprio da circunstância*). Bem vês que é verdade.

O AMIGO — Mas a verdade faz-me vontade de rir... Que queres?!

O DONO DA CASA, *sem dar atenção* — Tenho esperança em ti...

O AMIGO — Não tens. Não és imbecil.

O DONO DA CASA — Sê razoável. Que queres fazer agora? Peorar o que está feito? Pensa. (*Sacudindo-o por um braço*). Não sejas louco!

O AMIGO *fitando o vago e com indiferença* — Sou louco!

O DONO DA CASA — Não sejas louco! Ainda é tempo de salvar tudo; (*o Amigo olha-o*) de retomar a posição de guerra. Ainda está tudo bem.

O AMIGO, *depois dum pequeno silêncio* — Os teus insultos já não me tocam.

O DONO DA CASA *depois doutro silêncio* — Então resolves partir... Vou chamar minha irmã para se despedir... (*Vai a dirigir-se à porta*).

O AMIGO *correndo, segura-o* — Se...

O DONO DA CASA *com perversidade* — Então perdôa. (*Pausa*). ...E não te deixes vencer...

O AMIGO *interrompendo* — Não. Hei de vencer.

O DONO DA CASA *deixando-se cair num maplé* — Vencer fugindo...!

O AMIGO — Sim. Vencer fugindo... Vencer salvando alguma coisa. Fecharam-me. (*Abstracto*). Mas tenho uma chave. Os bonecos de cera, o sol aquece-os mas escorre as côres. E a terra bebe tudo...

Não. Fica a armação a ranger, a ranger de noite. (*Pausa*). De noite... ao vento... Falam... (*Caindo em si e quasi indo grilar na cara do Dono da Casa*). Não posso mais! Quero afastar-te! Não sei nadar com um pêso ao pestôco! Afundo-me! Estou enterrado!...

(*Pausa. Fita fixamente o Dono da Casa e abaixa a voz*) E sou um covarde!... (*Reerguendo a voz*). Era o que não te queria confessar. Que até para mim o nego. Que é falso: não estou enterrado. Tu quiseste. Mas só me arrastaste. Tu e os outros. Apanharam-me com a vossa roda dentada. Com o vosso carroussel de papelão que vos parece vida. (*Pausadamente*). Mas é de pa-pelão. Entendes? Eu estava a ver-vos andar. Lá vai aquele! lá vai aquela!... Estava muito perto; a ver-vos a todos muito bem... De repente fui apanhado.

Fui de rastos. E... não saltei para dentro, ouve mais isto, não saltei para dentro — porque não pude. Estava em perigo. Se tivesse podido saltava: e era dos vossos. Mas não calhou bem. (*Curta pausa*). E assim nem fiquei fora nem dentro. É uma posição impossível na vida. Só a aparência é possível. Mas de que vale? É uma posição de guerra? Pode ser. Mas uma posição de guerra se não serve de ponte, só serve para atrazar. E o triunfo está em se dar a última batalha antes de não se poder esperar mais. Se a batalha se perde, vai-se recuando sem abandonar a posição, até que se há de encontrar por onde se desapareça para sempre... (*O Amigo olha o Dono da Casa, como quem acorda, e depois duma pequena pausa*): Não falas?

O DONO DA CASA — Gosto de te ouvir.

O AMIGO — Gostas de me ouvir? Gostaste de me ouvir.

O DONO DA CASA — És uma criança: uma criança infeliz...

O AMIGO — O que tu pensas de mim não me interessa.

O DONO DA CASA — Mas já te interessou muito. É o mesmo. Não te devo deixar cair tão facilmente. A tua tragédia é delicada... (*Com um sorriso puxa-o e senta-o ao lado*). Acabas de me confiar dum maneira que me enternece. Devo-te ajudar... Dizes que não, mas ainda está tudo a tempo... Vou dar-te o braço, abraçar-te, ajudar-te a subir para o nosso carroussel de papelão... (*Vai para o abraçar mas o Amigo deita-lhe as mãos ao pescôco e caem ambos ludando. Ao fim dum instante o Amigo levanta-se dum salto. Olha o corpo do Dono da Casa que ficou imóvel no chão. Vai recuando para a porta e sai...*).

FIM